



UMA ANÁLISE DA VIDA, OBRA E LEGADO

“A música me comove.”

Por [Seu Noma/Ninne de Prejsto]

Dedico este trabalho a todos os poetas das
esquinas, aqueles que encontraram na amizade e
na canção o refúgio para os sonhos.
Em especial, à memória de Lô Borges, cuja música
provou que a beleza e a complexidade podem
coexistir na mais simples das melodias.
Que a poesia de um Trem Azul e a luz de um
Girassol continuem a iluminar os caminhos.

Começo da Vida e Primeiros Passos

Salomão Borges Filho, carinhosamente conhecido como Lô Borges, nasceu em 10 de janeiro de 1952, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Sua trajetória artística não começa com um palco, mas sim em um lar pulsante e musical, sendo o sexto de onze filhos de Dona Maricota e Salomão Borges.

1.1. As Esquinas de Santa Tereza

A casa da família Borges, no bairro Santa Tereza, se tornou um verdadeiro epicentro de criatividade. A residência, localizada no famoso cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis, era o ponto de encontro de jovens que compartilhavam a paixão por música – principalmente os Beatles, mas também pelo jazz e pela nascente MPB.

O Berço do Clube: A efervescência musical da casa e da "esquina" fez com que o ambiente se tornasse o núcleo do movimento que viria a ser conhecido como Clube da Esquina.

Primeiras Bandas: Ainda na adolescência, Lô já integrava conjuntos musicais com seus irmãos (Márcio, Telo, Marilton, Yé) e amigos como Beto Guedes. Juntos, exploravam as harmonias complexas e a sonoridade inovadora que seria a marca do grupo.

1.2. O Encontro com Milton Nascimento

Um dos encontros mais cruciais para a história da música brasileira ocorreu nas escadas do Edifício Levy, na Avenida Amazonas, quando Lô tinha apenas 10 anos.

O "Bituca": Lô conheceu o vizinho Milton Nascimento (o Bituca), dez anos mais velho. A amizade se consolidou, e Milton, já um artista reconhecido, passou a enxergar o talento precoce e a genialidade de Lô.

Primeiras Parcerias Consagradas: A parceria entre Lô e o letrista Márcio Borges rapidamente resultou em canções que chamaram a atenção de Milton. Aos 17 anos, Lô já era coautor de "Para Lennon e McCartney" (com Márcio Borges e Fernando Brant) e "Clube da Esquina" (com Márcio Borges e Milton Nascimento), ambas gravadas no álbum Milton (1970).

1.3. O Marco Inicial: Clube da Esquina (1972)

O sucesso e a originalidade dessas composições levaram Milton Nascimento a fazer um convite ousado: dividir a autoria e a gravação de um álbum duplo.

A Mudança para o Rio: A convite de Bituca, Lô Borges, ainda menor de idade, mudou-se com Beto Guedes para o Rio de Janeiro. Longe de Belo Horizonte, eles mergulharam na produção do álbum duplo Clube da Esquina.

O Álbum Histórico: Lançado em março de 1972, o disco, assinado por Milton Nascimento e Lô Borges, tornou-se um marco absoluto da MPB. Lô, com apenas 20 anos, demonstrou uma maturidade e uma inventividade musical impressionantes. A obra explorava temas como amizade, juventude e liberdade, mesclando MPB, folk, rock, pop barroco e jazz.

O impacto do álbum foi tão grande que, no mesmo ano, a gravadora, impressionada com o talento de Lô, o convidou para gravar um disco solo.

Discografia

A discografia de Lô Borges é marcada por um início explosivo, um hiato reflexivo e um retorno triunfal à produção prolífica nas últimas décadas, refletindo sua busca constante por liberdade e experimentação musical.

2.1. O Estreante Audacioso: O "Disco do Tênis"

O primeiro trabalho solo de Lô Borges, autointitulado Lô Borges, foi lançado em setembro de 1972, apenas seis meses após o divisor de águas que foi o álbum Clube da Esquina.

O Apelido: O disco ficou popularmente conhecido como o "Disco do Tênis" devido à sua icônica capa: uma foto simples de um par de tênis surrados, largados no chão. Essa imagem se tornou uma metáfora da juventude, do desejo de partir, da vida "com o pé na estrada" e da contracultura da época.

O Álbum Experimental: Gravado em um período de grande pressão e pouca preparação após o sucesso com Milton Nascimento, Lô abraçou o experimentalismo. O disco é cru, libertário e caótico, mesclando MPB, rock psicodélico e jazz. Contém faixas curtas, instrumentais e composições de grande densidade lírica, como "Você Fica Melhor Assim" (com Tavinho Moura) e "Canção Postal" (com Ronaldo Bastos).

A Reação: Na época, o disco foi complexo para o público e a crítica, que esperavam uma continuação da sonoridade polida de Clube da Esquina. Lô, após o lançamento, embarcou em uma jornada viajando de ônibus pelo país, vendendo pessoalmente seu LP, um ato que sublinhava o espírito de liberdade contido na capa do tênis.

A Retomada e o Sucesso Radiofônico

Após o experimentalismo do primeiro disco e um hiato de sete anos longe dos estúdios, Lô Borges retorna à cena musical incentivado por amigos e pela necessidade de compor.

A Via Láctea (1979) e Nuvem Cigana (1982): Estes álbuns marcam o retorno de Lô a uma sonoridade mais acessível e pop, resultando em grandes sucessos radiofônicos.

O grande destaque é "O Trem Azul" (com Ronaldo Bastos), canção que se tornou o maior hit de sua carreira e um hino da MPB, originalmente composta para o Clube da Esquina, mas que foi regravada em sua discografia solo.

O álbum Nuvem Cigana trouxe a faixa-título (também com Ronaldo Bastos), consolidando a fase de composições mais líricas e harmônicas.

A Década de 80: Lô manteve a produção com Sonho Real (1984) e Solo (1987), demonstrando sua maturidade como compositor e instrumentista.

Produção Contínua e a Fase Recente Prolífica

A partir dos anos 90, Lô Borges estabeleceu um ritmo de gravação mais constante, culminando em uma fase extremamente fértil nos últimos anos de sua vida.

Meu Filme (1996) e Um Dia E Meio (2004): Estes discos solidificaram seu retorno e o reengajamento com as novas gerações, reafirmando sua influência no cenário pop-rock brasileiro.

O Boom Recente (A partir de 2019): Na última fase de sua carreira, Lô Borges mostrou uma impressionante vitalidade criativa, tratando a composição como um "alimento espiritual". Lançou uma série de álbuns quase anuais, explorando novas parcerias e sonoridades:

- Rio da Lua (2019)
- Dínamo (2020)
- Muito Além do Fim (2021)
- Chama Viva (2022)
- Não Me Espere Na Estação (2023)
- Tobogã (2024)

Céu de Giz (2025) – em parceria com Zeca Baleiro.

A discografia de Lô Borges é, portanto, um retrato fiel de um artista que nunca parou de buscar, oscilando entre a introspecção experimental e a poesia pop, deixando um catálogo vasto e atemporal.

Principais Composições

A obra de Lô Borges é um tesouro de melodias complexas e letras profundamente poéticas, muitas vezes escritas em parceria com seu irmão, Márcio Borges, e outros importantes letristas. Suas composições capturam a essência da amizade, da natureza, do sonho e da melancolia mineira.

Hinos da Juventude e do Clube da Esquina
As canções compostas por Lô Borges para o álbum Clube da Esquina (1972) são atemporais e definiram a sonoridade de uma geração.

"Um Girassol da Cor do Seu Cabelo" (Lô Borges/Márcio Borges):

Um dos maiores clássicos da música brasileira, é a tradução da inocência, da intensidade e da beleza da juventude dos anos 70.

Sua melodia, inicialmente suave, cresce em uma explosão de emoção. É frequentemente citada como uma das canções mais belas já escritas no Brasil.

"Tudo Que Você Podia Ser" (Lô Borges/Márcio Borges):

Uma reflexão sobre o potencial não realizado e os sonhos que se perdem no caminho.

A harmonia e o arranjo, sofisticados e melancólicos, estabelecem a identidade musical do Clube da Esquina.

"Paisagem da Janela" (Lô Borges/Fernando Brant):
Nesta canção, Lô demonstra sua capacidade de musicar a contemplação.

A letra de Fernando Brant é uma metáfora sobre a observação do mundo, a passagem do tempo e a beleza das coisas simples vistas da janela.

Clássicos Solo e a Parceria com Ronaldo Bastos

A fase solo de Lô Borges foi enriquecida por grandes parcerias, especialmente com o letrista Ronaldo Bastos, resultando em sucessos de grande alcance popular.

"O Trem Azul" (Lô Borges/Ronaldo Bastos): Indiscutivelmente a canção mais popular e reconhecida da carreira solo de Lô Borges.

Composta em 1971, mas lançada em sua versão definitiva no álbum Nuvem Cigana (1982), a música é um marco do romantismo pop da MPB dos anos 80, combinando uma melodia envolvente com uma letra enigmática sobre partida e saudade.

"Canção Postal" (Lô Borges/Ronaldo Bastos): Presente no "Disco do Tênis" (1972), esta canção reflete o clima de experimentação e a melancolia introspectiva do artista na época. É uma das faixas mais representativas de sua primeira fase solo.

"A Via-Láctea" (Lô Borges/Ronaldo Bastos): Faixa-título de seu disco de retorno (1979), a música é um exemplo de sua transição para uma sonoridade mais limpa e harmônica, que seria bem recebida pelo grande público.

O Reconhecimento Pela Classe Artística

O impacto da obra de Lô Borges é medido não apenas pelo sucesso de público, mas também pela apropriação de suas músicas por outros grandes nomes da MPB, o que atesta sua relevância e atemporalidade.

Regravações de Peso:

Elis Regina regravou "Um Girassol da Cor do Seu Cabelo" e "Trem Azul", levando a música mineira para o público de massa.

Tom Jobim e Gal Costa também gravaram composições de Lô, demonstrando o respeito de diferentes vertentes musicais por sua obra.

Influência Recente: O grupo mineiro Skank, e posteriormente seu vocalista Samuel Rosa em projetos solo, sempre citaram Lô Borges como influência fundamental, o que culminou em diversas parcerias e regravações.

A complexidade harmônica, a sensibilidade lírica e a identificação com os sentimentos mais profundos da alma humana fazem das composições de Lô Borges um legado imortal na história da música brasileira.

Parcerias e Influências

A música de Lô Borges é um rico mosaico que reflete tanto o ambiente cultural e as amizades de Minas Gerais quanto as grandes transformações sonoras do cenário global. Suas parcerias e influências moldaram a sonoridade única do Clube da Esquina e de sua carreira solo.

Influências Primárias e Essenciais

A geração de Lô Borges, crescendo nos anos 60, foi profundamente marcada pela revolução cultural e musical que vinha do exterior, que ele e seus amigos souberam absorver e traduzir com uma identidade genuinamente brasileira.

The Beatles: A influência primordial e inegável. Lô e seus irmãos formaram a banda "The Beavers" inicialmente para tocar covers do quarteto de Liverpool. A busca pela melodia perfeita, as harmonias vocais complexas e a experimentação em estúdio foram diretamente herdadas dos Fab Four.

Rock Progressivo e Folk: O apreço por arranjos elaborados, o uso de orquestrações e a fusão de estilos (presentes em bandas como Yes e Jethro Tull) encontraram eco no som do Clube da Esquina. Do folk, herdaram a simplicidade da melodia acústica e a profundidade lírica.

A Sofisticação da MPB e Bossa Nova: Lô e seus parceiros tinham grande admiração pelo refinamento harmônico de João Gilberto e Tom Jobim. Essa base brasileira, somada à experimentação do rock, resultou na sonoridade híbrida e sofisticada do Clube.

O Núcleo Irradiador: O Clube da Esquina

As parcerias mais significativas de Lô Borges são inseparáveis do movimento que ele ajudou a fundar.

Milton Nascimento (Bituca): A parceria mais emblemática. Foi Milton quem deu a Lô, ainda adolescente, a oportunidade de gravar e co-assinar o histórico álbum duplo de 1972. Milton admirava a leveza e a genialidade melódica de Lô, que por sua vez via em Bituca um mentor e um artista de voz e visão singulares. Essa colaboração foi a força motriz que estabeleceu o movimento.

Márcio Borges: O letrista essencial. Irmão de Lô e principal parceiro lírico de sua carreira, Márcio foi o responsável por dar forma poética a algumas das melodias mais famosas de Lô, como "Um Girassol da Cor do Seu Cabelo" e "Tudo Que Você Podia Ser". Juntos, eles criaram a maioria dos hinos que celebram a amizade e os sonhos mineiros.

Beto Guedes, Flávio Venturini e Outros: Lô manteve laços de colaboração e amizade com todo o "núcleo duro" do Clube, dividindo palcos e estúdios, celebrando a camaradagem que era a verdadeira base do grupo.

Parceiros da Carreira Solo

Ao longo de sua trajetória solo, Lô Borges diversificou suas parcerias, buscando sempre novas vozes para complementar suas melodias.

Ronaldo Bastos: Um dos letristas mais importantes da MPB, Ronaldo foi o parceiro ideal para a fase solo de Lô, especialmente nos álbuns *A Via Láctea* e *Nuvem Cigana*. A colaboração resultou no grande sucesso "O Trem Azul" e na faixa-título "Nuvem Cigana".

Fernando Brant: Outro grande letrista do Clube, parceiro em canções profundas como "Paisagem da Janela".

Parceiros da Fase Recente: Lô sempre demonstrou interesse em se conectar com novas gerações e novos poetas, como o encontro com Makely Ka, que gerou canções para seus álbuns mais recentes, garantindo que sua obra continuasse relevante e se renovando.

Legado e a Despedida

A vida de Salomão Borges Filho, o Lô Borges, foi uma jornada contínua em busca da melodia perfeita, uma melodia que pudesse traduzir a poesia da amizade, o mistério das montanhas de Minas Gerais e a urgência da juventude. Sua despedida, embora dolorosa, não encerra sua música, mas a eleva ao patamar de um legado imortal.

O Legado da Poesia e da Inovação

Lô Borges deixa uma marca indelével na música popular brasileira, caracterizada por:

O Hibridismo Genial: Sua obra é a síntese perfeita entre a inventividade do rock progressivo e dos Beatles, e a sofisticação harmônica da Bossa Nova e da MPB. Lô não apenas fundou o Clube da Esquina, ele ajudou a definir um novo som brasileiro, rico, complexo e universal.

A Força da Juventude: Canções como "Um Girassol da Cor do Seu Cabelo" e "Tudo Que Você Podia Ser" permanecem hinos para todas as gerações, pois capturam o sentimento atemporal de esperança, sonho e a melancolia inerente ao crescimento.

O Compositor Incansável: Sua fase mais recente, marcada pelo lançamento de álbuns anuais e a busca por novos parceiros (como Zeca Baleiro e Samuel Rosa), demonstrou uma energia criativa rara. Lô Borges via na composição seu "alimento espiritual", mantendo-se fiel à sua arte até os últimos momentos.

A Despedida do Compositor

Após uma vida dedicada à música, o coração mineiro de Lô Borges cessou.

O Último Ensaio: Lô Borges, aos 73 anos, nos deixou na noite de domingo, 2 de novembro de 2025, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A Internação: O artista estava internado desde o dia 17 de outubro, tratando um quadro de intoxicação medicamentosa, que o levou a um estado de saúde grave.

Causa da Morte: O falecimento foi decorrente de falência múltipla de órgãos, confirmada pelo Hospital Unimed Contorno. A notícia, divulgada no dia 3 de novembro, gerou grande comoção nacional e internacional, com homenagens prestadas por amigos, como Milton Nascimento, e pela classe artística de diferentes gerações.

Lô Borges não foi apenas um cofundador do Clube da Esquina; ele foi a alma jovem e a melodia cativante que deu leveza e profundidade ao movimento.

Sua música é, e sempre será, a trilha sonora das esquinas, das janelas e dos corações que buscam a beleza e a poesia em meio ao caos do mundo. Sua arte fica, como um Trem Azul que atravessa o tempo, deixando um rastro de luz e harmonia.